

**Manuel Figueira**, artista caboverdiano nascido em 1938. Em 1962 vem cursar Belas-Artes a Lisboa, regressando definitivamente à sua cidade natal, Mindelo, antes da independência do país, no início 1975. As 63 obras seleccionadas para exposição na **Perve-CeutArt**, nova galeria em Alcântara, estão agrupadas em 4 núcleos correlacionáveis, de que este catálogo reproduz parte significativa: um primeiro, dedicado ao período inicial da sua estadia em Lisboa, ainda com traço marcadamente espontâneo e liberto de constrangimentos ou decorrências do processo formativo que iniciava na Escola de Belas-Artes - na companhia de jovens autores portugueses que depois se notabilizaram, como Gil Teixeira Lopes e Eduardo Nery, a par de Luísa Queirós, com quem viria a casar-se; um 2º núcleo está organizado em torno da pintura a gouache, fortemente influenciada por dois caminhos aparentemente antagónicos mas que são, na forma e na dimensão discursiva como ele os convoca para a sua expressão plástica, complementares ou, minimamente, reflexivos um-do-outro (Goya, no jogo de claro-escuro que o marcou quando viu pela primeira vez obras do Mestre no Museu do Prado, nessa década de 60 e, por outro lado, toda a panóplia cromática e abordagens plásticas que os autores nacionais, nessa época, fizeram explodir, por assim dizer, em Lisboa – é preciso não esquecer que por cá se vivia o período moderno-pós-moderno de forma bastante particular/peculiar na medida em que se podiam juntar, muitas vezes em tertúlias-acesas ou em exposições, artistas do Neo-realismo, Surrealismo, Abstraccionismo e Pop, para além de interjeições mais ou menos episódicas tais como o Abjeccionismo e a sua versão, algo parodiada, Neo); uma 3ª dimensão expositiva está reunida no conjunto de obras que Manuel Figueira realizou nos primeiros tempos do seu regresso a Cabo Verde – trata-se de um núcleo particularmente interessante porquanto se perscruta o acto inquebrantável do artista na procura de uma linguagem identificadora não só de si, enquanto individualidade expressiva mas, sobretudo, de uma voz, uma plástica, uma narrativa, enfim, aglutinadora da matriz cultural (cromática, até) do seu país, a isso se dedicando por vários anos de pesquisa e laboriosa construção de um ideário-vocabulário que é hoje, de facto, a sua base estruturante na pintura mas também fora dela, na forma de ver e contar o seu mundo (a seu modo); por último, as obras reunidas no 4º e derradeiro núcleo, são as da maturidade, da completude artística de quem aportou ao âmago do seu próprio discurso e faz disso uma longa e profícua jornada – encantando-nos.

Carlos Cabral Nunes  
*Direcção artística da Perve Galeria - Outubro de 2009*